

CAMPOS DE LUTA: O FUTEBOL COMO TERRITÓRIO DE FORMAÇÃO POLÍTICA E MEMÓRIA INSURGENTE

Recebido em: 16/08/2025

Aprovado em: 06/11/2025

Licença: 

*João Paulo de Souza da Silva*¹
Universidade Federal do Paraná (UFPR)
Curitiba – PR – Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-7557-5226>

*Emanuel Casimiro de Souza da Silva*²
Instituto Federal do Paraná (IFPR)
Curitiba – PR – Brasil
<https://orcid.org/0009-0009-5534-375X>

RESUMO: Este estudo analisa as experiências da Liga João Saldanha de Futebol Society e da Liga Antifascista de Curitiba como práticas de resistência cultural e pedagogia popular. A partir de dados empíricos coletados entre 2022 e 2025, por meio de observação participante, análise documental das ligas, e inserções na imprensa examina-se como essas organizações ressignificam o futebol como território de disputa simbólica, formação política e construção de memória insurgente. Fundamentado nos estudos culturais de Stuart Hall e Cornelius Castoriadis e na pedagogia crítica de Paulo Freire, o trabalho demonstra que essas ligas constituem projetos político-pedagógicos que confrontam a mercantilização do esporte através de práticas autogeridas, assembleísmo e solidariedade territorial. Os resultados revelam que o futebol popular, quando politicamente organizado, opera como linguagem contra-hegemônica capaz de articular cultura periférica, educação crítica e enfrentamento às opressões estruturais, configurando-se como laboratório de experimentação democrática e utopia concreta.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol político. Pedagogia popular. Resistência cultural.

FIELDS OF STRUGGLE: FOOTBALL AS A TERRITORY OF POLITICAL FORMATION AND INSURGENT MEMORY

ABSTRACT: This study analyzes the experiences of the João Saldanha Society Football League and the Curitiba Antifascist League as practices of cultural resistance and popular pedagogy. Based on empirical data collected between 2022 and 2025 through participant observation, documentary analysis of the leagues, and press

¹ Professor da Rede Pública Municipal de Ensino de Curitiba/PR. Doutor em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Integrante do Grupo de Pesquisa História Intelectual e Educação (GPHIE/UFPR).

² Acadêmico do curso de Processos Fotográficos do Instituto Federal do Paraná (IFPR).

insertions, the research examines how these organizations re-signify football as a territory of symbolic dispute, political formation, and the construction of insurgent memory. Grounded in the cultural studies of Stuart Hall and Cornelius Castoriadis and the critical pedagogy of Paulo Freire, this work demonstrates that these leagues constitute political-pedagogical projects that confront the commodification of sport through self-managed practices, assemblies, and territorial solidarity. The results reveal that popular football, when politically organized, operates as a counter-hegemonic language capable of articulating peripheral culture, critical education, and resistance to structural oppression, thus forming a laboratory of democratic experimentation and a concrete utopia.

KEYWORDS: Political football. Popular pedagogy. Cultural resistance.

Introdução

O que significa disputar um campo como o futebol num contexto de avanço conservador, esvaziamento de políticas públicas e crescente criminalização dos movimentos sociais? É possível falar em emancipação social a partir de práticas lúdico-esportivas situadas à margem do espetáculo mercantil? Perguntas como essas ganham especial relevância quando nos debruçamos sobre experiências como a da Liga João Saldanha de Futebol Society e da Liga Antifascista de Curitiba, iniciativas nascidas nas periferias urbanas da capital paranaense que ressignificam o futebol como território de resistência cultural, formação política e memória insurgente.

A metodologia fundamenta-se na observação participante desenvolvida ao longo de três anos (2022-2025) de acompanhamento das ligas analisadas. Durante esse período, os autores participaram de jogos, eventos culturais e ações solidárias, estabelecendo vínculos de confiança que permitiram acesso às dinâmicas internas dessas organizações. Complementarmente, realizaram-se registros fotográficos nos últimos dois anos, documentando momentos de jogo, rituais políticos, manifestações simbólicas e práticas que caracterizam essas experiências. Tal abordagem, inspirada na pesquisa militante e na investigação-ação participativa, permitiu observar, mas também vivenciar

as contradições, conflitos e potencialidades dessas práticas de futebol político, conferindo densidade etnográfica e legitimidade empírica às análises. Foram adotados cuidados éticos fundamentais, respeitando princípios de transparência, consentimento informado e confidencialidade, conforme as diretrizes éticas da pesquisa em ciências humanas.

A observação participante estendida justifica-se pelo reconhecimento do futebol popular como prática de lazer politicamente engajada (Stigger, 2002; Uvinha, 2018), onde a competição mercadológica cede lugar ao pertencimento e à autogestão. A metodologia dialoga com a investigação-militante e a etnografia da resistência, extrapolando a neutralidade para capturar tensões e potencialidades do futebol como território de disputa. A análise documental e a observação de ações solidárias permitiram qualificar essas ligas como manifestações de lazer com potencial político (Toledo, 2002), conferindo densidade empírica à tese do futebol como laboratório de experimentação democrática.

Muito além de campeonatos de fim de semana, essas ligas constituem redes de sociabilidade solidária, expressão de cultura popular politicamente engajada e projeto organizativo alternativo às formas hegemônicas do esporte moderno. Ao analisarmos a experiência da Liga João Saldanha e da Liga Antifascista, não estamos diante de meras expressões locais de futebol alternativo, mas de uma pedagogia do comum, uma micropolítica da resistência que, por meio da bola, desafia os dispositivos de dominação e propõe novas formas de viver, conviver e lutar. Diante da ofensiva reacionária, da criminalização das torcidas organizadas e do esvaziamento da política transformadora, valorizar, registrar e teorizar essas experiências torna-se urgente.

O Futebol como Campo de Disputa: Cultura Popular e Política no Brasil Contemporâneo

Compreendemos que essas experiências curitibanas contestam o modelo dominante de futebol: elitizado, colonial e corporativo, e constroem, na prática, espaços intersticiais de experimentação democrática. Autogestão, assembleísmo, pedagogia social e construção coletiva de memória constituem seus pilares organizativos. "O futebol, para além do estereótipo de ferramenta de massa de manobra, é uma das formas de cultura e pertencimento entre os moradores das periferias e favelas do país, e por isso, é palco de disputa política na sociedade" (Torres, 2023). Os nomes das equipes: *Linha Esquerda*, *Bonde do Miltão* (o geógrafo Milton Santos), *Cânhamo FC*, *Atlético Zapatista*, *St. Paulo Freire*; expressam um programa político-cultural de ruptura com a lógica do consumo e de afirmação de identidades periféricas e insurgentes (ver quadros 2 e 3). Tais escolhas não são meramente estéticas: operam como dispositivos de formação e mobilização política, numa espécie de pedagogia encarnada no cotidiano do jogo.

Os mitos de que o futebol é um espaço de alienação política e de que futebol e política não se misturam, precisam ser problematizados. É certo que muitas pessoas ligadas ou não ao campo esportivo não se interessam ou até repudiam as relações do futebol com a política, mas daí até assumirmos que estes dois campos não se misturam existe uma longa distância (Souza Junior, 2020, p. 199).

Essas práticas se sustentam numa teia de referências simbólicas, históricas e territoriais. Como mostram os dados organizados ao longo de três anos de acompanhamento, com base em fontes primárias (estatutos, postagens em redes sociais, observação participante e registros de campo) e secundárias (literatura acadêmica, reportagens e documentos públicos), essas ligas atuam em várias frentes: promovem torneios temáticos em homenagem a personagens como João Saldanha, Eduardo

Galeano, Carlos Caszely e Sissi; articulam-se com movimentos sociais por meio de campanhas de arrecadação e ações solidárias; criam categorias femininas e divisões de acesso, fomentando inclusão e diversidade; e articulam uma memória coletiva enraizada na história das lutas populares da América Latina. A memória não é essência fixa, mas fenômeno socialmente construído e negociado entre grupos. As identidades coletivas formam-se por processos relacionais onde critérios de aceitabilidade são disputados, revelando memória e identidade como campos de negociação permanente, não como categorias essencialistas (Pollak, 1992). A memória é instrumento de luta no presente e essas ligas operam justamente como dispositivos de memória ativa, inscrevendo nas práticas esportivas as marcas de uma contra-história da cidade.

Figura 1: Escudo do FC St. Paulo Freire.



Fonte: Perfil @ligadefutebolantifacista e fcst.paulofreire no Instagram

Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DGITNovxbrC/>. Acesso em: 08 mai 2025

O contraste com o modelo dominante é evidente. Enquanto o futebol profissional aprofunda sua inserção no circuito do capital global, reforçando desigualdades de raça, classe e gênero, o futebol político curitibano como o que se

expressa nas Ligas analisadas opta por outro caminho. Sua organização refuta hierarquias autoritárias, centralização de decisões e mercantilização dos afetos.

Como observa Damo (2002), entre o futebol espetacularizado e o improvisado existe uma modalidade intermediária vinculada ao tempo de lazer dos praticantes - o futebol de várzea -, que se realiza em espaços quase padronizados, distintos tanto dos campinhos improvisados quanto da ortodoxia dos estádios oficiais, incorporando elementos do espetáculo, porém em escala e lógica próprias. Trata-se de um modelo que, embora marginal frente às estruturas de poder institucionalizado, não é menor: é outro. Evoca, nesse sentido, o conceito de "utopia concreta" formulado por Cornelius Castoriadis (2007), ao criar, no presente, instituições que apontam para horizontes de autonomia, liberdade e justiça social.

É nessa chave que também se insere a crítica à colonialidade do futebol, que se manifesta na exclusão sistemática das periferias e na imposição de padrões eurocêntricos de organização, estética e valor. Ao se constituírem como territórios autônomos de produção cultural, essas ligas desafiam diretamente essa lógica. Não apenas resistem: propõem. Sua existência é, em si, um gesto político. E como tal, inscrevem-se na tradição latino-americana de futebol engajado, que tem em figuras como Sócrates e Galeano mais que símbolos, mas fundamentos éticos e metodológicos.

Do Espetáculo à Resistência: Futebol e Lazer Comunitário como Linguagem Coletiva

Por que o futebol, em sua aparente simplicidade lúdica e caráter massivo, desperta tanto interesse das elites econômicas, dos aparelhos midiáticos e dos projetos autoritários de poder? Por que insistem em domesticá-lo, hierarquizá-lo, embranquecê-lo, neutralizá-lo em sua potência? Tais questões não podem ser respondidas sem

reconhecer que o futebol brasileiro não é apenas um esporte - é, sobretudo, uma linguagem coletiva, um espaço de sociabilidade e, acima de tudo, uma arena de disputa de sentidos. A possibilidade de confronto entre memórias individuais e coletivas evidencia, nos termos de Pollak (1992, p.204-205), que identidade e memória operam como valores em disputa em contextos de antagonismo político entre grupos sociais distintos.

Nas últimas décadas vemos o risco de reduzirmos o futebol ao entretenimento empresarial, ignorando seu caráter fundacional para as periferias brasileiras. Em entrevista concedida à Torres (2023) no Jornal A Verdade, um dos organizadores da Liga declarou: "Não vemos a possibilidade de se fazer o trabalho de base sem a capacidade de mobilização que o futebol tem, o esporte seria a 'cola' que une os diferentes segmentos da classe". Nas bordas das metrópoles, nos campinhos de terra, o futebol não é mercadoria: é linguagem coletiva que opera como espaço intermediário entre as esferas privada e pública, gerando uma sociabilidade mais ampla que os vínculos familiares, porém mais densa e significativa que as interações formais (Magnani, 1996, p. 138).

É nesse sentido que Damo (2003) conceitua o “futebol comunitário” como uma configuração intermediária entre o profissionalismo elitizado e o improviso informal das peladas. Trata-se de uma prática que articula lazer e política, e que, embora negligenciada pela academia e pela mídia, é central para a formação de identidades e a disputa dos territórios urbanos.

A disputa em torno do futebol se acirra no atual contexto político brasileiro, marcado pelo recrudescimento conservador, pelo avanço da criminalização das torcidas organizadas e pela crescente militarização dos estádios. Curitiba, cidade marcada por

um *ethos* conservador e por um urbanismo segregador, torna-se, paradoxalmente, palco de experiências que reivindicam o futebol como prática popular. A existência e expansão da Liga João Saldanha e da Liga Antifascista, ambas organizadas a partir de princípios de autogestão, assembleísmo e enfrentamento às opressões estruturais, revela a potência desse esporte quando apropriado por sujeitos históricos situados nos limites da institucionalidade. "Fazer a resistência nessa cidade não é uma tarefa nada fácil. Mas, saber que podemos contar com esses companheiros que além de fazerem show em campo, também fazem a luta por um esporte revolucionário e comunitário." (Viola, 2024) Aqui, o futebol não serve ao mercado, mas sim à memória e à formação coletiva. Os torneios carregam nomes como *Carlos Caszely*, *Éric Cantona*, *João Saldanha*, *Sisleide do Amor Lima (Sissi)* e *Carlos Marighella*; figuras que, em contextos distintos, insurgiram-se contra os dispositivos da dominação, desafiando ditaduras, racismos e o patriarcado. Essa escolha não é decorativa, mas formativa: opera como dispositivo político-pedagógico que tensiona o presente com a força das memórias subalternizadas (Pollak, 1992).

Ao mesmo tempo, a diversidade dos nomes dos times: *Linha Esquerda*, *Gralha Marx*, *St. Paulo Freire*, *Bonde do Miltão*, *Atlético Zapatista*, expressa uma recusa à neutralidade esportiva, convocando o futebol a se tornar arena de elaboração crítica, de formação de identidades combativas e de reencantamento político. Como mostra a análise empírica dos dados coletados entre 2022 e 2025 (Liga João Saldanha de Futebol Society, 2022; SISMMAC, 2024), esses coletivos não apenas disputam campeonatos, mas organizam ações solidárias, campanhas educativas, festivais culturais e mobilizações públicas em defesa da escola pública, da saúde coletiva e dos direitos

humanos. Ou seja, operam uma pedagogia que, se não passa pela escola formal, encontra no campo de futebol sua mais potente sala de aula.

Figura 2: Linha Esquerda com faixa “Em Defesa da Escola Pública”, após ser campeão da Liga João Saldanha.



Fonte: Arquivo Pessoal do autor Emanuel Casimiro de Souza da Silva, 2005.

Frente ao esvaziamento dos espaços públicos e à destruição das políticas culturais e esportivas, é preciso reconhecer que o futebol, em sua forma comunitária, constitui-se como um dos espaços de resistência coletiva. A atuação das ligas progressistas de Curitiba, neste sentido, não é apenas uma resposta ao autoritarismo e à mercantilização: é uma proposição concreta de outro modo de organizar o jogo, o tempo, o corpo e a vida em comum. Retomar o futebol como campo de disputa, portanto, não é um gesto nostálgico ou folclórico, mas estratégico. É lutar, com os pés firmes na terra e os olhos nas estrelas, por um mundo em que o coletivo volte a ter lugar, e o lúdico seja, mais uma vez, linguagem de emancipação.

A Liga João Saldanha: Memória Política e Utopia Concreta no Campo

Que memória se deseja preservar ao fundar uma liga de futebol em nome de um comunista perseguido pela ditadura, organizando campeonatos inspirados na tradição

operária, na crítica ao autoritarismo e na solidariedade entre os povos? A Liga João Saldanha de Futebol Society, criada em 2013 em Curitiba, constitui uma prática viva de insurgência cultural, um projeto de formação política encarnado no corpo coletivo de seus participantes e uma recusa às lógicas da mercantilização do esporte. Como afirmam seus organizadores, a Liga "busca ser mais que um espaço para o futebol: um espaço de socialização à esquerda que alia a paixão pelo futebol aos valores progressistas" (Liga João Saldanha de Futebol Society, 2022). Fundada por coletivos de esquerda e torcidas antifascistas, como o *Estrela Vermelha FC* e a *Locomotiva Makhnovista*, a Liga evoca desde o nome a figura histórica de João Saldanha, técnico da seleção brasileira, militante comunista, cronista combativo e vítima da repressão estatal em 1969, para construir, em plena várzea curitibana, um espaço de organização autônoma, memória insurgente e utopia.

A escolha de Saldanha como figura-síntese não é aleatória. Sua trajetória articula futebol e política em um tempo em que ambas as esferas foram submetidas ao controle do regime empresarial-militar. Demitido da Seleção Brasileira às vésperas da Copa de 1970 por recusar imposições do governo Médici, tornou-se símbolo da resistência à submissão e da possibilidade de um futebol comprometido com valores democráticos.

Ao evocar sua memória, a Liga João Saldanha constrói um sistema alternativo de representação da brasilidade, ancorado na resistência democrática e não na submissão autoritária. Como lembra Pollak (1992), a memória social não é resgate neutro do passado, mas instrumento de luta no presente – especificamente, um trabalho de "enquadramento da memória" realizado por intelectuais orgânicos vinculados a movimentos políticos específicos, cuja função é selecionar, organizar e legitimar

determinadas narrativas. A Liga realiza esse trabalho de enquadramento, operando como dispositivo de disputa frente às tentativas de despolitização do futebol.

A liga estrutura-se por autogestão: assembleias deliberativas e comissões temáticas (finanças, comunicação, ação social, disciplina e eventos) distribuem responsabilidades horizontalmente, sem hierarquias fixas ou dirigentes profissionais (Estatuto, 2021). Seu compromisso político está expresso nos princípios fundantes:

A Liga, seus times e atletas declaram expressamente ter como posicionamento político, acima do futebol: o antifascismo, o antirracismo, a antiLGBTIfobia, o pró-feminismo e a luta em favor dos movimentos sociais (Estatuto, 2021, p. 2).

Essa estrutura não se limita ao funcionamento administrativo: ela é pedagógica, atuando como espaço de formação política ao exigir deliberação coletiva, corresponsabilidade e solidariedade. Cada decisão tomada em assembleia - desde a criação de um torneio até a expulsão de uma equipe por racismo ou machismo - integra um processo formativo que inscreve o futebol como linguagem de emancipação, pedagogia que se expressa nos regulamentos internos e sobretudo na dinâmica dos torneios. Competições como a *Copa Galeano*, a *Taça Sócrates* e o *Troféu Marighella* homenageiam figuras que, em diferentes contextos latino-americanos, tensionaram as fronteiras entre cultura popular, política e enfrentamento.

O Parque Municipal Benedito Azedo (Complexo de Esporte, Lazer e Cultura Benedito Azedo) está localizado no bairro Palmares, na cidade de Parintins e foi inaugurado no dia 20 de janeiro de 2022. O parque tem por finalidade oferecer um ambiente de esporte, convivência e lazer seguro para as crianças e adolescentes da cidade. O espaço físico em termos de parque infantil é menor, quando comparado ao Parque Pichita Cohen, e está localizado junto a uma praça também utilizada por adultos

para ler, utilizar celular (a praça dispõe de rede *wi-fi* gratuita). O parque dispõe de equipamentos e brinquedos que atendem crianças até os 09 anos de idade.

Quadro 1: Principais torneios das Ligas e suas referências simbólicas.

Torneio	Homenageado	Significado
Liga João Saldanha	João Saldanha	Resistência à ditadura militar
Taça Cecília	Colônia Cecília	Experiência anarquista brasileira
Copa Carlos Caszely	Carlos Caszely	Oposição à ditadura chilena
Taça Sissi	Sisleide Lima	Pioneirismo no futebol feminino
Copa Éric Cantona	Éric Cantona	Ativismo antirracista/antixenofobia
Torneio Carlos Marighella	Carlos Marighella	Luta armada contra ditadura

Fonte: Organizado pelos autores, 2025.

Ao organizar um torneio em nome de Carlos Marighella, por exemplo, a liga presta tributo a um revolucionário brasileiro e reativa, por meio do jogo, a memória de sua luta contra o autoritarismo e o racismo estrutural num contexto em que sua figura ainda é alvo de silenciamento e criminalização.

Do ponto de vista empírico, os dados coletados entre 2022 e 2025 revelam uma ampliação expressiva da Liga João Saldanha. Ao longo de sua história, ela reuniu 25 times com perfis diversos: progressistas (*Linha Esquerda*), ativistas da legalização da cannabis (*Cânhamo FC*), coletivos feministas e antiproibicionistas, pessoas ligadas aos movimentos por moradias urbanas, estudantes, sindicalistas e trabalhadores precarizados. Essa diversidade, longe de ser um desafio à unidade, constitui sua principal riqueza organizativa. Como mostram os registros de campo, é na convivência entre diferentes repertórios políticos e culturais que a Liga João Saldanha se reinventa, praticando uma política do dissenso deliberativo que se opõe ao consenso autoritário típico das instituições tradicionais do futebol.

Além das disputas em campo, destacam-se suas ações solidárias: campanhas de arrecadação para ocupações urbanas, mutirões em apoio a escolas ocupadas, oficinas

sobre racismo, gênero e memória, integração com sindicatos de base e organizações. Esses dados confirmam o compromisso ético da Liga com as causas populares e reforçam sua inserção territorial, sua capilaridade comunitária e sua função contra-hegemônica.

Diante disso, a Liga João Saldanha configura-se como exemplo concreto de “utopia realizada”, não no sentido de um ideal inalcançável, mas como construção de uma política do possível enraizada nas práticas do presente. Em oposição ao modelo empresarial que rege o futebol profissional, com sua lógica excludente, verticalizada e fetichizada, a Liga inscreve o futebol no campo das lutas, recuperando sua potência ancestral de rito coletivo e linguagem da liberdade. Como sintetiza uma postagem no perfil oficial da organização: “Jogamos com as mesmas regras, mas por outro mundo possível” (Liga João Saldanha de Futebol Society, 2022). Tal enunciação não é metáfora, mas programa político. Jogar, aqui, é verbo de militância. E o campo, mais do que arena esportiva, é chão de memória, de disputa e de reencantamento político.

Logo, a Liga João Saldanha evoca uma herança de resistência: ela a encarna, a atualiza e a transforma em prática. Frente ao esvaziamento democrático das instituições e ao avanço da ultradireita sobre os corpos, os territórios e os sentidos do viver coletivo, esse tipo de organização comunitária emerge como um farol crítico. Reivindicar Saldanha, Galeano e Sócrates não é culto ao passado, mas insistência no presente: há, ainda, lugar para o comum. E no compasso da bola que rola em campos de terra, reafirma-se que memória e utopia seguem jogando juntas.

A Liga Antifascista de Curitiba: Expansão da Rede e Diversidade de Lutas

Como resistir à escalada autoritária em tempos de corrosão institucional e recrudescimento das violências políticas e simbólicas? A Liga Antifascista nasce em 2022 de uma cisão no interior da Liga João Saldanha, revelando que mesmo experiências contra-hegemônicas organizadas em torno de princípios éticos compartilhados reproduzem dinâmicas características de outros movimentos sociais: emergem conflitos e divisões quanto aos encaminhamentos políticos e organizacionais quando os consensos tornam-se insuficientes para abarcar a diversidade dos participantes.

Esta cisão, longe de representar fragilidade, expressa a vitalidade democrática desses espaços e sua capacidade de gerar novas experiências organizativas. Como observa Pollak (1992, p. 205), mesmo entre sujeitos que compartilham experiências históricas semelhantes podem emergir múltiplas memórias e interpretações do vivido, gerando conflitos internos e novos projetos. Não há, portanto, memória única ou consensual, mas diferentes enquadramentos possíveis que dinamizam o campo político.

A Liga Antifascista emerge como resposta imediata ao contexto de exceção vivido no país ao final da pandemia de Covid-19 e à radicalização da extrema direita brasileira, operando como espaço de acolhimento de coletivos politicamente engajados e organizações populares em busca de articulação comum.

As equipes reunidas em nossa Liga têm consciência do período de retrocesso representado pelos governos de Bolsonaro e Ratinho Jr, uma vez que ambos atacam a educação, direitos trabalhistas e contribuem para a exclusão da juventude à cidadania e direitos como o acesso ao lazer e possibilidade de prática esportiva. Desta forma a Liga existe com objetivo inclusivo, para agregar nossa classe tão atacada pelo poder público, sem objetivos lucrativos ou de promoção pessoal ou coletiva. (Liga de Futebol Antifascista - LFA - Curitiba Oriental, 2022).

Os dados atualizados em 2025 indicam que a Liga Antifascista de Curitiba reúne 22 equipes distribuídas em três categorias: divisão principal (12 times), divisão de acesso (6 times) e categoria feminina (4 times), configurando a maior edição desde sua fundação. Esses números revelam a consolidação de uma rede esportiva alternativa, com a expansão de uma lógica de organização fundamentada na autonomia, na diversidade e na solidariedade (Liga de Futebol Antifascista, 2025).

Quadro 2: Distribuição de equipes por liga e categoria (2024-2025)

Liga/Categoria	Número de equipes
Liga João Saldanha	12
Liga Antifascista - Principal	12
Liga Antifascista – Acesso	6
Liga Antifascista - Feminina	4
Total	34

Fonte: Organizado pelos autores, 2025.

A diversidade dos nomes dos times é, por si só, um manifesto: *IV & XX de Novembro*, *St. Paulo Freire*, *Matriarcado*, *Atlético Zapatista*, *Umbabarauma*, *Bolchesítio*. Cada um deles opera como alegoria crítica e signo de pertencimento político, evocando datas de lutas negras, pedagogias libertadoras, feminismos de base, internacionalismos solidários, heranças do candomblé, experiências de agricultura urbana e movimentos sociais latino-americanos. Os nomes funcionam como dispositivos de memória, que colocam em circulação narrativas subalternizadas, subversivas, em oposição aos padrões coloniais, normativos e mercantis que hegemonizam o futebol profissional. Tal operação é, nos termos de Stuart Hall (2003), um gesto de ressignificação ativa da cultura popular não como essência, mas como processo, arena e campo de disputa.

A Liga Antifascista não é homogênea, e nisso reside sua força. Articulam-se nela coletivos LGBTQIA+, juventudes negras, torcedoras feministas, professores da

rede pública, artistas independentes, movimentos ambientais e organizações de base comunitária. Essa multiplicidade confere à Liga uma plasticidade política incomum, permitindo que ela se conecte a distintas frentes de luta, sem perder sua coerência programática. Entre 2022 e 2025, por exemplo, a Liga organizou e sediou torneios em homenagem a personagens como *Carlos Caszely (Copa Caszely)*, *Sissi (Taça Sissi)* e *Éric Cantona (Copa Cantona)*, cujas trajetórias expressam, em distintos contextos, o cruzamento entre cultura, enfrentamento político e recusa à opressão. Essa escolha não é mero marketing de resistência: é pedagogia revolucionária, que educa politicamente pela via do afeto, da memória e da vivência coletiva.

No plano organizativo, a Liga se estrutura em moldes semelhantes à da João Saldanha: assembleísmo, comissões temáticas, mandatos rotativos, horizontalidade deliberativa. Há uma preocupação constante com a manutenção dos princípios fundantes: antifascismo, antirracismo, feminismo, anticapacitismo, inclusão de gênero e combate a todas as formas de opressão, e com a construção de um espaço seguro para mulheres, pessoas trans, pessoas negras e jovens de periferia. O regulamento interno, amplamente discutido em assembleias, prevê punições pedagógicas para casos de racismo, machismo, LGBTfobia ou posturas autoritárias, além de fomentar a presença feminina em campo, e nas comissões organizativas, como forma de ruptura com o patriarcalismo estrutural do esporte.

Funcionando como uma ponte entre a Liga Antifascista e a Liga João Saldanha, temos ainda a Liga Portal Comuna que também tem fortalecido esse campo político-esportivo, reunindo times de ambas as ligas. Conforme destaca a reportagem de Giovanna Viola (2024), publicada no jornal Brasil de Fato³, essa liga representa um

³ Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/colunista/giovanna-viola/2024/05/14/liga-de-esquerda-em-curitiba-une-futebol-e-revolucao>. Acesso em: 7 jun 2025.

espaço de encontro entre clubes engajados politicamente, desde 2022, com a realização da Copa Havana.

A Liga Antifascista não é apenas um espaço de resistência ao fascismo: é um laboratório vivo de novas formas de fazer política, de experimentar democracia e de construir memória a partir das bordas. Em tempos de desmonte das políticas públicas e de aprofundamento das desigualdades sociais, ela nos lembra que o futebol, quando radicalizado, pode ser mais que jogo: pode ser território, escola, grito e esperança.

Disputas de Sentido e Práticas de Emancipação: O Futebol como Projeto Político Popular

O que está em jogo quando coletivos transformam conscientemente o futebol em campo de elaboração crítica e sociabilidades insurgentes, recusando a lógica da mercadoria para assumi-lo como linguagem de resistência e momento de formação? Nas experiências da Liga João Saldanha e da Liga Antifascista, o futebol torna-se meio de reorganização da vida em comum, um projeto onde os sujeitos elaboram coletivamente outras formas de existir e resistir. As ligas utilizam o futebol como linguagem específica para representar e expressar seus projetos políticos, suas visões de mundo e seus horizontes utópicos, transformando cada partida em ato comunicativo e cada torneio em manifesto político.

Nesse sentido, ao recusarem o conformismo político e o fetichismo mercantil, as ligas progressistas constroem sentidos que confrontam a indústria do futebol moderno, marcada pela elitização dos estádios e pela submissão às dinâmicas do capital financeiro. O futebol, nos moldes corporativos, converte-se em mercadoria pura, em que jogadores são ativos, torcedores são consumidores e os clubes tornam-se franquias

globalizadas. Ao resgatar o jogo como bem comum e prática social, as ligas recolocam no centro da cena o valor de uso da cultura esportiva: sua capacidade de formar laços, memórias e afetos coletivos.

Nas ligas analisadas, a prática esportiva é inseparável da formação política e da pedagogia crítica. As assembleias, os torneios temáticos, as campanhas solidárias, as ações de base e a escolha dos nomes de times e campeonatos não são acessórios, mas são a própria espinha dorsal de um projeto que pretende, de forma deliberada, educar para a ação transformadora. Paulo Freire (2010), ao afirmar que “ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”, oferece uma chave para compreender essa pedagogia do futebol político: ela ocorre no discurso, mas igualmente na prática concreta de organização, confronto e construção coletiva de sentidos. Como apresenta uma notícia do Sindicato dos Servidores do Magistério Municipal de Curitiba: "A Liga João Saldanha é reconhecida por promover o esporte com engajamento social e político, unindo atletas e espectadores em torno de causas relevantes." (SISMMAC, 2024) O campo torna-se escola, mas não no sentido tradicional: é escola viva, onde se aprende a decidir em conjunto, a respeitar as diferenças, a enfrentar os conflitos, a construir um comum ético-político.

Figura 3: Algumas das faixas presas ao alambrado, demonstram os posicionamentos políticos dos integrantes da Liga João Saldanha.



Fonte: Arquivo Pessoal do autor Emanuel Casimiro de Souza da Silva, 2005.

É preciso destacar, ainda, que o futebol político-popular, como o praticado nas ligas curitibanas, se contrapõe à ideologia da neutralidade. Em um país onde as arenas esportivas são higienizadas, racializadas e transformadas em vitrines da ordem neoliberal, reivindicar o futebol como espaço de luta é um gesto político. Os dados empíricos apontam que, entre 2022 e 2025, mais de cinquenta equipes participaram das ligas com nomes que evocam lutas históricas, intelectuais orgânicos, símbolos de resistência e manifestações culturais periféricas, como *Bonde do Miltão*, *Gralha Marx*, *1º de Maio*, *Partisan*, *Matriarcado*, *Capirotense*, *Delas*, *Estrela Vermelha*, *Umbabarauma*.

Quadro 3: Tipologia das referências simbólicas nos nomes das equipes

Categoria	Exemplos	Significado político
Datas históricas	<i>1º de Maio, IV & XX de Novembro</i>	Memória operária e revolucionária
Intelectuais orgânicos	<i>Bonde do Miltão, Gralha Marx, St. Paulo Freire</i>	Pensamento crítico
Símbolos internacionais	<i>Estrela Vermelha, Partisan, Atlético Zapatista, 5 de Mayo</i>	Solidariedade e resistência internacional

Cultura popular	<i>Capirotensse, Jaguará, Umbarabauma, Guairacá</i>	Identidade regional e ancestralidade
Perspectiva de gênero	<i>Matriarcado, Delas</i>	Feminismo e protagonismo feminino
Contracultura	<i>Purple Haze, Cânhamo, Brisados</i>	Contestação comportamental

Fonte: Organizado pelos autores, 2025.

Essas denominações, mais do que signos identitários, são enunciados críticos que performam a recusa ao apagamento e convocam à memória das lutas. Cada jogo transforma-se em ato político, onde o corpo em movimento encarna histórias, reivindicações e horizontes. As ligas curitibanas operam como instâncias criadoras de novas significações imaginárias sociais. Como observa Castoriadis (2007, p. 177), a sociedade precisa responder a perguntas fundamentais sobre sua identidade coletiva, e “o papel das significações imaginárias é o de fornecer uma resposta a essas perguntas”. No caso das ligas, essas respostas emergem através dos nomes dos times, da escolha de homenageados e das práticas organizativas que ressignificam o futebol como território de luta.

A disputa não se dá apenas nos símbolos. Os registros documentais, atas de assembleias e publicações oficiais das ligas indicam que os coletivos organizados em torno desses campeonatos articulam práticas de solidariedade e ação comunitária: campanhas de alimentos, apoio a ocupações urbanas, defesa da escola pública, ações de formação política, enfrentamento ao racismo institucional e promoção de saúde mental nas periferias.

Figura 4: Clube FC ST Paulo Freire, da Liga Antifascista com faixa “Não venda a minha escola”, demonstrando a articulação entre futebol e lutas por direitos sociais.



Fonte: Perfil @fcst.paulofreire no Instagram

Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DJQOy00NMri/> Acesso em: 08 mai 2025

Tais ações dão materialidade à crítica cultural que se exerce também em campo, mostrando que o futebol, longe de ser alienação, pode ser campo estratégico de recomposição do tecido social e de criação de vínculos horizontais. É nesse ponto que a experiência das ligas se aproxima do que Antonio Gramsci (1978) chamava de “sociedade civil organizada”, na qual os sujeitos populares, mesmo à margem do Estado, constroem formas de organização e elaboração intelectual capazes de disputar hegemonia.

A tentativa do capital de despolitização do futebol - como se a neutralidade fosse possível ou desejável - atua como dispositivo disciplinador, que visa desarticular o potencial formativo e mobilizador do esporte. Nesse contexto, os projetos como os das ligas curitibanas se revelam ainda mais necessários: como resposta tática à repressão e como proposição estratégica de outra política.

Em sua radicalidade, o futebol político-popular encarnado pelas ligas analisadas desafia o cinismo do tempo presente. Ele propõe outra forma de viver a cidade, de fazer política, de construir identidades e afetos. Ele afirma que a cultura, quando organizada, é capaz de instituir novas práticas e novos horizontes de sentido, mesmo diante da violência estrutural. Ao fazer do jogo uma linguagem de luta, ao tornar o campo espaço de memória e o gol um grito coletivo de reinvenção, as ligas progressistas nos mostram que a emancipação não é uma promessa distante: ela já se ensaia, em cada passe, em cada assembleia, em cada gesto coletivo que ousa disputar o presente e imaginar o porvir.

Considerações Finais

Em contexto de avanço conservador e mercantilização do esporte, as ligas analisadas provam que o futebol pode operar como território de resistência, formação política e construção de memória. Esta pesquisa evidencia como a Liga João Saldanha e a Liga Antifascista operam como locais de experimentação democrática através do lazer e do futebol. O estudo ao demonstrar que o lúdico, quando politicamente organizado, constitui espaço legítimo de formação cidadã e contribui para os debates sobre o tempo-espaço do lazer como dimensão não apenas recreativa, mas também pedagógica e transformadora. A análise dos dados no período permite identificar três resultados fundamentais para os campos acadêmico e político.

Primeiro, a consolidação numérica dessas experiências: São 34 equipes distribuídas em categorias masculinas, femininas e de acesso, organizadas através de estruturas assembleistas que envolvem centenas de participantes em processos deliberativos regulares. Este crescimento quantitativo não representa apenas expansão

esportiva, mas capilarização territorial de uma proposta política que articula futebol, educação e militância antifascista em contexto urbano historicamente marcado por conservadorismo.

Ademais, a efetividade da pedagogia materializada nos nomes de times e torneios. A análise tipológica (Quadro 3) evidencia que as referências a figuras como João Saldanha, Carlos Caszely, Sissi e Eduardo Galeano não funcionam apenas como homenagens, mas como dispositivos ativos de formação política que conectam gerações de militantes a memórias de resistência silenciadas. Os registros etnográficos confirmam que essa operação produz efeitos concretos: debates sobre ditaduras latino-americanas, racismo estrutural, feminismo e internacionalismo permeiam as assembleias e eventos das ligas.

Por fim, a articulação entre prática esportiva e ação territorial solidária. As campanhas documentadas: arrecadações para ocupações urbanas, apoio a escolas ocupadas, mutirões comunitários, demonstram que essas organizações transcendem o âmbito recreativo para se constituírem como infraestruturas políticas de retaguarda para movimentos sociais mais amplos, em conjunturas de desmonte de políticas públicas.

No plano teórico, a experiência curitibana confirma que a cultura, quando politicamente organizada, não se reduz a "resistência" defensiva, mas institui práticas alternativas. A cisão que originou a Liga Antifascista em 2022, analisada à luz de Pollak (1992), evidencia que as disputas de memória atravessam inclusive campos progressistas, gerando dinâmicas de pluralização que, paradoxalmente, fortalecem o conjunto ao permitir múltiplas experimentações organizativas simultâneas.

Em síntese, cabe reconhecer que em um contexto de criminalização crescente das torcidas organizadas e elitização e controle dos estádios, esses projetos configuram

não apenas objetos de estudo, mas horizontes políticos concretos. Documentá-los rigorosamente, portanto, não é gesto neutro: é reconhecer que o conhecimento acadêmico pode e deve dialogar com epistemologias populares em construção. O campo de futebol, nesses casos, revela-se espaço legítimo de produção de saber político e as ciências humanas têm muito a aprender com quem joga, literalmente, por outro mundo possível.

REFERÊNCIAS

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Tradução de Guy Reynaud. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social**: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissionalização**: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2003. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

ESTATUTO Social da Liga João Saldanha de Futebol Society. Curitiba, 2021. Disponível em <https://linktr.ee/ligajoaosaldanha>. Acesso em: 08 mai 2025.

FELTRIN, Vinícius. **Curitiba oriental**: antifascismo em campo. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2024. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/handle/1884/97341>. Acesso em: 14 jun 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. 6 v.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Organização e revisão técnica: Arthur Ituassu. Tradução: Daniel Miranda; William Oliveira. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Apicuri, 2016. 260 p.

LIGA DE FUTEBOL ANTIFASCISTA - LFA - CURITIBA ORIENTAL. **Perfil do Instagram** [@ligadefutebolantifascista]: Instagram, 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/ligadefutebolantifascista/>. Acesso em: 12 mai 2025.

LIGA JOÃO SALDANHA DE FUTEBOL SOCIETY. **Perfil do Instagram** [@ligajoaosaldanha]: Instagram, 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/ligajoaosaldanha/>. Acesso em: 8 jun 2025.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **A cidade na visão dos outros: antropologia urbana em questão**. São Paulo: EDUSP, 1996.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Tradução de Monique Augras. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/1941>. Acesso em: 15 maio 2025.

SISMMAC. Linha Esquerda é tricampeã da Liga João Saldanha e destaca a defesa da escola pública. **SISMMAC**, 2024. Disponível em: <https://sismmac.org.br/linha-esquerda-e-tricampea-da-liga-joao-saldanha-e-destaca-a-defesa-da-escola-publica/>. Acesso em: 30 jun 2025.

ST PAULO FREIRE FUTEBOL CLUBE. **Perfil do Instagram** [fcst.paulofreire]: Instagram, 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/fcst.paulofreire/>. Acesso em: 8 mai 2025.

STIGGER, Marco Paulo. **Esporte, lazer e estilos de vida: um estudo etnográfico**. Campinas: Autores Associados, 2002.

SOUZA JUNIOR, Osmar Moreira de. Futebol e política se misturam: na trincheira das lutas contra o autoritarismo. **Motricidades, Revista da SPQMH**, v. 4, n. 2, p. 199-213, 2020. Disponível em: <https://www.motricidades.org/journal/index.php/journal/article/view/2594-6463-2020-v4-n2-p199-213/pdf>. Acesso em: 18 jun 2025.

TIJUANA COMUNICACIONES. **Curitiba oriental: antifascismo em campo** [vídeo]. YouTube, 10 jun 2025. 28min57s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0uTsAZpa70A>. Acesso em: 16 jun 2025.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas no futebol**. São Paulo: Hucitec/FAPESP, 2002.

TORRES, Gabriela. Liga de Futebol Antifascista une futebol e luta social em Curitiba. **A Verdade, um jornal dos trabalhadores na luta pelo socialismo**, 29 out. 2023. Disponível em: <https://averdade.org.br/2023/10/liga-de-futebol-antifascista-une-futebol-e-luta-social-em-curitiba/>. Acesso em: 12 ago 2025

UVINHA, Ricardo Ricardo. **Lazer e movimentos sociais: a dimensão política do tempo livre**. São Paulo: Hucitec, 2018.

VIOLA, Giovanna. Liga de esquerda em Curitiba une futebol e revolução. *Brasil de Fato* 14 mai. 2024. **Brasil de Fato**, 14 mai. 2024. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/colunista/giovanna-viola/2024/05/14/liga-de-esquerda-em-curitiba-une-futebol-e-revolucao/>. Acesso em: 7 jun 2025.

Endereço dos Autores:

João Paulo de Souza da Silva
Endereço eletrônico: jpaulodesouzadasilva@gmail.com

Emanuel Casimiro de Souza da Silva
Endereço eletrônico: emanuelcasimirodesouzadasilva@gmail.com